

---

## UMA REFLEXÃO SOBRE CULTURA

### A REFLECTION ON CULTURE

Narda Teles Yamane<sup>1</sup>

---

**RESUMO:** Este artigo é baseado na monografia de bacharelado em Comunicação Social intitulada “Jornalismo Cultural do Amazonas: mídias carentes de uma divulgação apta a transmitir os signos da cultura e da arte local deflagram uma lacuna no enriquecimento poético da sociedade”. Tem como foco refletir o significado de cultura, que devido sua complexidade tem sido discutido por muitos estudiosos no decorrer da história. Diante deste fato é nosso objetivo abordar o termo cultura traçando sua importância na constituição do ser humano. Para isso, empregou-se a metodologia baseada na revisão bibliográfica e levantamento de dados secundários de autores que discorreram sobre o assunto. Sabemos que a discussão em torno do tema não se finalizará, mas este artigo nos dará uma compreensão mais profunda do tema.

**Palavras-chave:** Cultura. Conceito. Reflexão.

**ABSTRACT:** This article is based on the monograph of a Bachelor's degree in Social Communication entitled “Cultural Journalism of Amazonas: media lacking a dissemination capable of transmitting the signs of local culture and art sparks a gap in the poetic enrichment of society”. It focuses on reflecting the meaning of culture, which due to its complexity has been discussed by many scholars throughout history. In view of this fact, it is our objective to approach the term culture by tracing its importance in the constitution of human beings. For this, the methodology based on the bibliographic review and survey of secondary data of authors who spoke about the subject was used. We know that the discussion around the topic will not end, but this article will give us a deeper understanding of the topic.

**Keywords:** Culture. Concept. Reflection.

## 1. INTRODUÇÃO

A cultura é tão antiga quanto a humanidade. E o principal pensamento que mobilizou esta pesquisa foi apresentar o alto grau de importância que ela possui na construção existencial humana; e conseqüentemente, o lugar que ocupa no mundo contemporâneo. O que certamente não foi tarefa fácil. A dificuldade se apresentou de início, ao buscarmos ir além do senso comum, pois seria muito mais simples eleger um conceito genérico de cultura e avaliá-lo no contexto atual. Porém, fizemos o caminho contrário. Investimos na busca do significado da essência deste fenômeno, e ali o observamos cheio de símbolos, mensagens, sonhos, utopias, crenças... Enfim, uma infinidade de sabedorias que permitiram o significado da jornada do homem na Terra. Vimo-nos então diante do mistério.

E foi justamente este aspecto que nos levou a selecionar o método da pesquisa bibliográfica na realização desta análise. Pois, como nos ensina Gil (2008, p. 50), a metodologia

---

<sup>1</sup> [narda.telles@gmail.com](mailto:narda.telles@gmail.com)

bibliográfica “é desenvolvida a partir do material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Optamos assim por livros, artigos, dissertações, teses etc. para responder a seguinte problemática: qual a importância da cultura na fundamentação da humanidade. Conforme Campoy (2016, p. 47) “O problema é um ponto de partida de toda investigação. [...] O problema consiste em uma pergunta ou enunciado sobre a realidade ou sobre qualquer situação que não se encontra uma solução satisfatória ou não dispomos de uma resposta adequada”. Neste caso, o método bibliográfico nos possibilitava conferir a contribuição teórica de renomados autores que se debruçaram sobre o problema.

E isso, foi fundamental para efetuarmos a reflexão que nos propomos. Assim, levantamos ponderações que perpassaram pela filosofia, pela literatura, pelas teorias da comunicação e pelos depoimentos. O que nos levou ao seu aspecto mágico, pois a criação de coisas não existentes na natureza é uma habilidade que sem dúvida possui um caráter misterioso. Algo que vem sendo ocultado em nossa modernidade, mas essencial ao equilíbrio humano.

## 2. A CULTURA NO TEMPO

*“O ser não é mais que o vir-a-ser.”  
Heráclito*

Pensar a cultura é antes de tudo refletir sobre a própria trajetória da cultura, que a nosso ver é uma tarefa extremamente difícil de realizar. Isto devido ao alto grau de complexidade que a envolve. Neste sentido, Cotrim (2000) deixa claro que desde a origem da civilização o homem inventa, transforma e organiza seu modo de vida. Suas possibilidades parecem incessantes e tudo que em sua natureza não possui cria. Sem asas ele voa, sem garras respira dentro das águas, sem garras faz lanças. Sendo assim, diferentemente dos outros animais, ele transforma o meio em que vive e se expressa no cosmo<sup>2</sup>. Portanto, parece que o homem é e não é um ser da natureza.

A verdade é que nossa sobrevivência no mundo só foi possível devido essa intervenção no meio ambiente. Tudo o que construímos foi um transcender ao natural. Isso significa que de acordo com o autor somos diferentes dos demais animais; eles têm um comportamento baseado no instinto, em reflexos biológicos hereditários. O que faz com que o comportamento de um inseto seja igual ao de outro de sua espécie, independentemente do tempo. Mas nós somos imprevisíveis. Nenhum outro animal

---

<sup>2</sup> **Cosmo:** universo enquanto sistema bem ordenado e coeso.

modifica seu habitat para sobreviver, esta é uma prática exclusivamente humana. É como se nós estivéssemos em eterna construção e os outros animais não. É isso que fica claro na citação abaixo:

A vida de cada animal é, em grande medida, uma repetição do padrão básico vivido pela sua espécie. Já o ser humano, individualmente, é capaz de romper com o passado, questionar o presente e criar a novidade futura. Ele não nasce pronto pelas 'mãos da natureza'. Sua vida depende do parto de si mesmo, num processo de 'nascer sem parar' (COTRIM, 2000, p.12).

Então poderíamos afirmar que nascemos da natureza, mas só existimos pela cultura. Dessa forma, Cotrim (2000) explica que somos seres biológicos e ao mesmo tempo culturais. Criadores e criaturas de nós mesmos. Através do raciocínio, fundamental característica que nos diferencia dos outros animais, desenvolvemos linguagem simbólica<sup>3</sup> e com ela construímos nossa vida material. Uma construção que só foi possível pelo trabalho, que inclusive originou a organização da vida espiritual e das inter-relações das sociedades. Isso quer dizer, segundo Marconi e Presotto (2001) que nossas ideias (cultura imaterial) tanto podem criar objetos (cultura material) quanto podem regular nossas práticas cotidianas e a análise destas práticas (cultura real), além de nos levar à procura do desempenho perfeito, muitas vezes inalcançável (cultura ideal). Sendo assim, a organização social se estabelece por interdependências.

Na verdade, a interdependência entre esses dois aspectos é intrínseca a qualquer cultura, pois um grupo realiza sua cultura não-material apoiado ou justaposto em sua cultura material, que são os meios de execução da cultura. (OLIVEIRA, 2003, p. 140).

Neste sentido cada comunidade desenvolveu sua própria característica. Pois como diz Oliveira (2003) a diferença de cada território, onde as variadas tribos se sedimentaram, influenciaram em suas identidades particulares. Mostrando que as transformações culturais não ocorrem apenas pela consciência<sup>4</sup> dos indivíduos, mas também pelo ambiente em que vivem. Portanto, cada povo tem desenvolvido distintos atributos, tanto dentro de sua mesma nação quanto em seus diversos períodos históricos.

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é 'algo natural', não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à

<sup>3</sup> **Linguagem simbólica:** sistema de símbolos ou signos que por convenção representam alguma coisa.

<sup>4</sup> **Consciência:** conhecimento que o homem possui dos seus próprios pensamentos, sentimentos e atos.

importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade. (SANTOS, 2006, p. 45).

Deste modo, percebemos que existem inúmeras culturas e não apenas um único modelo. Elas não são idênticas, pois se desenvolvem e se relacionam de forma desigual, ocasionando constantes mudanças. Essas interações entre os povos, segundo Santos (2006) podem ser pacíficas ou violentas. O que leva, muitas vezes, à imposição de poder de um povo sobre outro. Fato que tem ocorrido desde os primórdios da vida humana, e que também colabora para que alguns aspectos culturais se percam e outros se somem. Além do mais, esses contatos fazem com que cada povo pense sobre seu próprio modo de ser.

A história do homem é marcada pela coexistência de múltiplas culturas. Essa variedade é muito importante, pois observando as práticas e tradições de outros povos somos levados a refletir sobre a coletividade à qual pertencemos. (SANTOS, 2006, p. 91).

Como vemos, este relato evidencia o quanto é complexa e profunda a cultura. Ela é o resultado de uma longa e contínua trajetória, onde o que transformamos também nos transforma. Somos fundadores de um universo cheio de diversidade cultural que não para de mudar nem de crescer. E toda esta construção realizada, no tempo e no espaço, está envolta em signos que fundamentam a relação do homem com o mundo. Acreditamos ser este aspecto da cultura muito importante, pois ele nos parece ser o fio condutor capaz de elucidar a essência de sua significação.

### 3. O SIGNIFICADO DA CULTURA

*“Conhece-te a ti mesmo.”  
Oráculo de Delfos*

Como vimos, durante o desenvolvimento do homem ele tem respondido incontáveis questões no plano material, imaterial, real e ideal. Afinal, num mundo onde teve que enfrentar grandes problemas exteriores, ele precisou também enfrentar profundas questões interiores. Desta forma realizou uma construção simbólica cheia de sentidos que deram significado ao mistério<sup>5</sup> da vida. Este mistério abrange um conhecimento que vai além do visível e do mensurável, algo que perpassa tanto pelo pensamento quanto pelo sentimento. Isso significa que ao desvelar a realidade em busca de suprir suas necessidades físicas, o homem preenchia também suas necessidades existenciais. Neste sentido, ele buscou responder perguntas centrais sobre sua origem.

---

<sup>5</sup> **Mistério:** aquilo que parece inexplicável, incerto ou incompreensível.

[...] quem somos nós? Por que estamos aqui? Qual o propósito de nossas vidas e de nossas mortes? Como devemos entender nosso lugar no mundo, no tempo e no espaço? Estas são questões de valor e de significado fundamentais e, apesar de serem influenciadas por acontecimentos reais, não são factuais: antes envolvem atitudes diante de ocorrências da realidade (APROUL apud JATOBÁ, 2001, p. 115).

Sendo assim, quando os povos antigos entraram em contato com os grandes e incontroláveis fenômenos da natureza, passaram a vê-la como um cosmo vivo. Um mundo encantado, onde as árvores, as montanhas, os animais, os ventos e as águas eram seres vivos poderosos. Seu destino estava ligado ao destino do cosmo. O que os levou a desenvolverem uma linguagem alegórica que os colocava em contato com estes seres sagrados e deles recebiam muitos ensinamentos. É só voltarmos nossos olhos ao passado para entender onde os povos de outrora se assentavam.

[...] no amplo alicerce dos impulsos vitais, primários, retirando deles seus misteriosos poderes de magia, conjuração, metamorfose – dos encantamentos de caça dos nômades da Idade da Pedra, das danças de fertilidade e colheita dos primeiros lavradores dos campos, dos ritos de iniciação, totemismo e xamanismo e vários cultos divinos (BERTHOLD, 2004, p. 2).

É neste aspecto que muitas civilizações possuíram uma relação de sacralidade com o verbo<sup>6</sup>, com a natureza, como também com o feito mágico de determinados lugares ou objetos. E cada um destes elementos se comunicava com eles através de um grande número de mensagens. Cremos que revelar essas mensagens pode nos colocar diante de uma profunda compreensão do sentido da cultura. É neste contexto que provavelmente Campbell (1995, p. 6) tenha dito: “A mente se ocupa com o sentido. Qual o sentido de uma flor? [...] Qual é o sentido do universo? Qual o sentido de uma pulga? Está exatamente ali. É isso. E o seu próprio sentido é que você está aí”. Neste caso, podemos deduzir que a existência é o sentido de tudo. É isso que o autor reforça abaixo.

Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. (CAMPBELL, 1995, p. 5).

Neste caso, a experiência de estar vivo é uma conexão entre o homem e o deslumbramento do mundo; capaz de restaurar o propósito da existência. O que possibilita o conhecimento profundo de nós mesmos, do universo em que vivemos, e conseqüentemente do mundo que queremos construir. Por isso, os povos primitivos construíram um mundo com encanto, pois pelo imaginário e pela emoção, foram capazes de realizar mudanças significativas

---

<sup>6</sup> **Verbo:** palavra, linguagem, oralidade.

ao seu cosmo, e assim, fundamentaram o seu próprio ser.

Neste sentido, a nosso ver, o primeiro significado da palavra cultura na tradição romana que vem do latim *culture*: cultivar o solo; não nos parece suficiente para refletir todo este contexto. Já o significado da palavra grega *Paidéia* indica ser mais apropriado, pois segundo Cotrim (2000, p. 15) era o “processo pelo qual o homem realizava sua verdadeira natureza [...] (conhecimento de si e do mundo) e a consciência da vida em comunidade”. Mas durante o contato entre romanos e gregos, os primeiros, mesmo “[...] conhecendo a palavra *Paidéia* e não querendo usá-la porque era uma palavra estrangeira, passaram a traduzi-la por cultura” (BOSI, 2008). E é no sentido da *Paidéia* que as tribos amazônicas parecem ainda mergulhar.

#### 4. A CULTURA DO AMAZONAS

*“Quando o velho índio se calar a humanidade ficará despossuída de sabedoria”*  
Zunthor

A herança cultural do amazonense; assim como a formação do povo brasileiro, é fruto da miscigenação de vários povos: brancos, negros e índios. Porém, a cultura indígena terá mais evidência na especulação sobre a cultura local. Isso devido ao seu grande nível de influência no imaginário do homem amazônico. Afinal o Amazonas<sup>7</sup>, possivelmente é a morada do maior número de povos tradicionais do Brasil. Os mitos e lendas que formatam a consciência destes povos milenares, também têm grande força na identidade cultural local. São mitos de origem e de comportamento, além de lendas que revelam o trágico, o cômico, o épico, o lírico, o maravilhoso e o fantástico da literatura oral dos povos da floresta. Portanto, falar da cultura do Amazonas é fundamentalmente falar destas etnias. Mas a indígena, como muitos outros povos que viveram no tempo de outrora, ressoam sua sabedoria pelo alegórico e pelo imaginário.

Mircea Eliade nos fala de civilizações em que o mito era plenamente vivido. O mundo se comunicava com o homem, e o homem o reconstruía, e reconstruía a si mesmo, através da linguagem dos símbolos. Tudo tinha sentido nesse cosmo vivo: o mundo se revelava por meio da linguagem, longe do desencantamento que veio se processando na cultura ocidental. (FARIA; GARCIA, 2003, p. 32 - 33).

Aí encontramos outra vez uma relação de sentido entre o homem e o cosmo. Uma reconstrução pela linguagem, pelo verbo, pelas musas<sup>8</sup> ou pelo poeta<sup>9</sup>. Isso é tão antigo quanto o início dos tempos. Basta lembrarmos a criação do mundo relatada na Bíblia Sagrada em Gêneses (2009, p. 3). Deus disse: “Haja luz; e houve luz. E viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas”. Também na Babilônia, Faria e Garcia (2003, p. 34) relatam

<sup>7</sup> **Amazonas:** refere-se ao Estado, território.

<sup>8</sup> **Musas:** entidades mitológicas gregas inspiradoras das letras, das ciências e das artes.

<sup>9</sup> **Poeta:** aquele que tem inspiração poética, que possui imaginação e eloquência.

um poema antigo que diz: “[...] quando no alto o céu ainda não havia sido nomeado e embaixo a terra firme não havia sido mencionada por seu nome [...]”. E aqui mesmo, quando os índios Tarianos<sup>10</sup> contam que do estrondo do trovão nasceu Diruí<sup>11</sup> para formar o seu povo na terra sagrada de Iauaretê<sup>12</sup>. Também na Grécia antiga, o próprio titã Prometeu<sup>13</sup> em Ésquilo (1980, p. 27) ensina todas as artes à humanidade através da palavra “[...] inventei para eles a mais bela de todas as ciências, a dos nomes [...]”. Afinal que poesia mágica é essa que constrói o universo? O que é isso que denominamos de Mito? Para o especialista romeno em história das religiões Mircea Eliade (1907 – 1986): “O mito conta uma história sagrada: ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial [...]. O mito narra como, graças às façanhas dos entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir” (ELIADE apud COTRIM, 2000, p.44).

Neste caso o mito firma questões profundas. Ele está além do tempo e do espaço, por isso quem lê as narrativas míticas que chegaram até nós das antigas civilizações, sente sua imensurável sabedoria. Porém, na Amazônia, os povos indígenas o mantêm vivo. Através de seus ritos<sup>14</sup> fazem contato com seus seres sagrados. E pelos sonhos apreendem toda cultura do seu povo, como também sua jornada na vida. Campbell (1995, p. 42) diferenciava o sonho comum do sonho mítico. Ele dizia que o primeiro “é uma experiência pessoal [...] e o mito é o sonho da sociedade”. Ainda segundo Campbell (1995, p. 16) os mitos representam “[...] os sonhos do mundo. São sonhos arquetípicos, e lidam com os magnos problemas humanos [...]”. Ele fala que as diferenças entre os mitos de povos distintos podem se dar por um contexto histórico, mas as similaridades míticas têm contexto psicológico. No último caso, realiza uma explicação interessante sobre a psique humana e os arquétipos.

Uma psique humana é essencialmente a mesma, em todo mundo. A psique é a experiência interior do corpo humano, [...] com os mesmos órgãos, os mesmos instintos, os mesmos impulsos, os mesmos conflitos, os mesmos medos. A partir deste solo comum, constitui-se o que Jung chama de arquétipos, que são as idéias em comum dos mitos. [...] São idéias elementares [...]. Jung falou dessas idéias como arquétipos do inconsciente. ‘Arquétipo’ é um termo mais adequado, pois ‘idéia elementar’ sugere trabalho mental. Arquétipo do inconsciente significa que vem de baixo. A diferença entre os arquétipos junguianos do inconsciente e os complexos de Freud é que aqueles são manifestações dos órgãos do corpo e seus poderes. Os arquétipos têm base biológica, enquanto o inconsciente freudiano é uma acumulação de experiências traumáticas reprimidas no curso de uma vida individual. O inconsciente freudiano é um

<sup>10</sup> **Tarianos:** etnia que vive às margens do Rio Uaupés e seus afluentes: Tiquié, Papuri, Querari etc.

<sup>11</sup> **Diruí:** Deus que criou o povo Tariano.

<sup>12</sup> **Iauaretê:** lugar de referência fundamental aos povos indígenas que habitam a região dos rios Uaupés e Papuri.

<sup>13</sup> **Prometeu:** na mitologia grega foi responsável por roubar o fogo de Zeus e dar aos mortais.

<sup>14</sup> **Ritos:** é uma sucessão de palavras, gestos e atos que compõe uma cerimônia que segue ensinamentos ancestrais e sagrados podendo atualizar um mito.

inconsciente pessoal, biográfico. Os arquétipos do inconsciente de Jung são biológicos. O aspecto biográfico é secundário, no caso. (CAMPBELL, 1995, p. 53 e 54).

A explicação supracitada aprofunda, no nosso entender, o que Campbell (1995, p. XI) queria dizer sobre os sonhos míticos, que são experiências comuns à humanidade; tão profundas que vão além do que transcorre de frustrante em nossa vida particular e individual. É algo cíclico, infinito, mágico e simbólico: “morte, sepultamento e ressurreição”. No entanto, este é um assunto muito vasto, não podemos abordá-lo intensamente. Por isso, apenas ilustraremos a relação dos povos tradicionais com o amazonense, e um pouco da sabedoria imemorial destas antigas civilizações; como também, relataremos um breve panorama da cultura local a partir da miscigenação com outros povos.

#### 4.1. A influência do mundo indígena

É inegável a profunda presença da cultura indígena no cotidiano do amazonense. Muitas das características de seu comportamento e pensamento estão fundadas aos povos da floresta, e possuem raízes mais profundas do que conseguem enxergar. Na verdade, grande parte do povo local não sabe que várias de suas crenças, hábitos, costumes, entre outros aspectos, tem origem nestas etnias. Além de que o Amazonas é um dos lugares do mundo onde o mito cantado pelos poetas da floresta, na densidade desta monstruosa selva, reconstrói o mundo dessas civilizações. Conhecer, nem que seja um pouco, sobre estas tradições é aprender sobre a própria cultura. Só assim, é possível experimentar o valor desta terra e conhecer um pouco de suas origens. É sobre este fato que a pesquisadora Socorro Jatobá nos chama atenção.

Examinar e compreender os mitos é, no fundo, tentar compreender quem somos. Assim, o sentido da história coincide com o sentido do mito que, por sua vez, coincide, ainda, com o sentido do mundo. Isto porque aquele que narra essas histórias é compreendido como guardião da palavra e, por isso mesmo, guardião da memória do mundo e dos povos que compreendem a potência criadora da palavra. Palavra que, para aquele que a vive, faz todo sentido. Aladas palavras porque nos transportam de um instante dado, marcado por números e diversos modos de medir o tempo, à cena de origem, ao sentido da vida, à fundação do mundo. (JATOBÁ, 2001, p. 88 e 89).

Esta importância que as tribos tradicionais dão à oralidade se refletem no costume do amazonense em contar histórias e causos. Muitas narrativas estão presentes nas conversas diárias, principalmente no interior. Também o hábito de falar com os animais e as plantas como se fossem gente, traz resquícios da crença indígena de que mesmo tendo formas diferentes, todos os seres possuem uma alma humana. E o temor pelas florestas e pelas águas, talvez seja porque no fundo do seu ser, sente que lá é o domínio de muitos seres sagrados, entre eles a grande cobra, tão terrível que é capaz de afundar enormes embarcações. Mas ela é também



parenta da mãe de todas as cobras, aquela que segundo a mitologia Dessana<sup>15</sup>, trouxe no ventre a humanidade para habitar a Terra.

[...] o terceiro Trovão desceu neste grande lago na forma de uma jibóia gigantesca. A cabeça da cobra se parecia com a proa de uma lancha. Para eles, parecia um grande navio a vapor que se chama pamūrīgahsiru, isto é, 'Canoa da Futura Humanidade' ou 'Canoa de Transformação'. Umukosurāpanami e Umukomahsū Boreka, o chefe dos Dessana, vieram como comandantes dessa cobra-canoa. Chegaram à maloca do primeiro Trovão, no Lago de Leite. [...]. Esta Maloca de Leite está na beira de um grande lago que se chama Lago de Leite, ou seja, o lago de onde surgiu a futura humanidade. [...] Essas malocas chamam-se Pamūrīwi'i, 'Malocas de Transformação' (LANA e LANA, 1980, p. 61).

Crenças como estas levam os amazonenses a temerem os mistérios da terra, das águas, da floresta, dos ventos e dos seres encantados. Tanto que os antigos possuem enorme cuidado e respeito pela natureza como um todo. Tradição que vem dos índios; embora estes tenham uma relação ainda maior, pois se consideram irmãos dos elementos da natureza. É o que vemos no depoimento abaixo do indígena Ailton Krenak.

Ali onde estão os rios, as montanhas, está a formação das paisagens, com nomes, com humor, com significado direto, ligado com a nossa vida, e com todos os relatos da antiguidade que marcam a criação de cada um desses seres que suportam nossa passagem no mundo. Nesse lugar, que hoje o cientista, talvez o ecologista, chama de habitat, não está um sítio, não está uma cidade nem um país. É um lugar onde a alma de cada povo, o espírito de um povo, encontre a sua resposta, resposta verdadeira. De onde sai e volta, atualizando tudo, o sentido da tradição, o suporte da vida mesma. O sentido da vida corporal, da indumentária, da coreografia das danças, dos cantos. A fonte que alimenta os sonhos, os sonhos grandes, o sonho que não é somente a experiência de estar tendo impressões enquanto você dorme, mas o sonho como casa da sabedoria (KRENAK, 1992, p. 202).

São elementos destas sabedorias que se refletem no dia a dia do povo amazônico, originários deste imaginário longínquo. Eles estão presentes quando muitas avós rezam e benzem com pequenos galhos de plantas as crianças que estão com quebranto<sup>16</sup>; estão praticando algo similar ao ritual da pajelança<sup>17</sup>, fruto dos ritos de pajés indígenas. Além dos chás de plantas para cura, dos resguardos dos enfermos, das narrativas de encantos, são aprendizados tão antigos que a nós não é clara a sua origem.

A formação do pajé é sempre baseada na ciência da natureza [...]. No mato, isolado, aprende a receber os ensinamentos e segredos alimentares, naturalmente. Quando consegue aprender e praticar tudo isso, começa a ter visões e a estar em grande desenvolvimento com os altos poderes da natureza. (MOREIRA, 2001, p.116).

No entanto, o homem moderno, que pensa concretamente, sente enorme dificuldade em

<sup>15</sup> **Dessana:** etnia que tem sua origem no Alto do Rio Negro, às margens do rio Tiquié.

<sup>16</sup> **Quebranto:** mau olhado, esmorecimento geral.

<sup>17</sup> **Pajelança:** rituais nos quais um especialista entra em contato com entidades não-humanas (espíritos de mortos, de animais etc.) com o fim de resolver problemas que acometem pessoas ou coletividades.

alcançar o enlevo genuíno dos mitos destes povos, pois estas civilizações têm o mito vivo, revelador do momento primordial e da sabedoria da vida. Pelo qual em seus rituais sagrados fazem o contato com o trágico e o fantástico da existência. Enquanto o homem contemporâneo procura fugir o tempo todo deste contato. Ocupando seus dias com incontáveis atividades na finalidade de não pensar em sua existência. Porque pensar na existência é como pensar na vida e conseqüentemente pensar na morte. Mas o índio tem no mito a revelação do sentido de tudo; isso envolve inclusive respostas para questões que se apresentam diante deles. Como esta relatada abaixo.

Alguns anos atrás, quando eu vi o quanto que a ciência dos brancos estava desenvolvida, com seus aviões, máquinas, computadores, mísseis, eu fiquei um pouco assustado. Eu comecei a duvidar que a tradição do meu povo, que a memória ancestral do meu povo, pudesse subsistir num mundo dominado pela tecnologia pesada, concreta. [...] Eu fiquei com medo. Eu fiquei pensando: e agora? Parecia que eu estava vendo um grande granito parado na minha frente. Eu não podia olhar. Fiquei muitos dias sem graça até que eu ganhei um sonho. Ganhei um sonho desses que eu falei com vocês que não é só uma impressão de estar vendo coisas dormindo. Mas para nós o sonho é um sonho de verdade, um sonho verdadeiro, e tem sonho, sonho de verdade é quando você sente, comunica, recupera a memória da criação do mundo onde o fundamento da vida e o sentido do caminho do homem no mundo é contado pra você. [...]. Não existiu uma criação do mundo e acabou! Todo instante, todo momento, o tempo todo é a criação do mundo. Por isso que no sonho a gente entra dentro dele, aprende, alimenta o espírito. Esse sonho veio me mostrar que aquela caricatura de poder que os homens estavam inventando aqui na terra é só uma simulação, porque eu pude encontrar, andar junto com os meus parentes, meu irmão mais velho, que na nossa língua original se chama Kiãnkumakiã. Este irmão mais velho que estava com a gente sempre, desde a fundação do mundo, só que não é Deus. E nós vimos os meninos, os rapazes andando num campo bonito, vasto. Uma relva baixinha e os rapazes traziam na mão esquerda feixes de varas, daquelas varas sem gomo, lisas, taboca de fazer flecha, mas na ponta não tinha lâmina, na ponta tinha pendão assim igual ao trigo florando. Um grupo grande, incontável de rapazes e um guerreiro mais maduro, que estava de lado, só mostrando uma parte do rosto, a vista apontando para o leste. Quando olhei assim eu vi um grande lago, saindo quase da mesma altura da terra firme. Aí aqueles moços foram andando para lá e, num gesto, eles se transportavam para outro lugar firme, para a outra margem de um lago muito grande, que liga tudo, numa canoa grande de luz, como se fosse de luzes assim... com gesto de vontade, só com a vontade. Não tem foguete, míssil que faz isso, tecnologia que se inventa. E todo esse 'futuro' já aconteceu na fundação do mundo. Os meus irmãos mais velhos já conhecem tudo isso. (KRENAK, 1992, p. 202 - 203).

Do mesmo modo o amazonense se assusta frente à solidez do mundo contemporâneo, mas vai tentando se adaptar, e conseqüentemente perdendo suas raízes. Ele é visto, preconceituosamente por quem não conhece a cultura, como um homem sem saber. Assim é levado a mudar seu modo de vida para ajustar-se ao sistema capitalista; perdendo e esquecendo sua história. Por isso, a maior parte das novas gerações, que vive na cidade, só tem contato com o universo cultural do Amazonas através de livros. Isso quando leem. Pois sua visão da história é linear, enquanto os indígenas possuem uma visão circular, fundada na memória.

Então, antes do mundo, existia não só a história dos espíritos, dos elementos, mas a história de todos os nossos povos antigos que conseguiram, ao longo dos tempos, manter esta memória da criação do mundo. Existem milhões de toneladas de livros, arquivos, acervos, museus guardando uma chamada memória da humanidade. E que humanidade é essa que precisa depositar sua memória nos museus, nos caixotes? Ela não sabe sonhar mais. (KRENAK, 1992, p. 203).

É assim que os povos da floresta veem o seu cosmo. Isso fica muito claro na forma deles falarem da metáfora da vida. Algo contínuo, sem princípio nem fim. Um fluxo pulsante, integrado. Tudo está conectado, ligado. A vida é presença, é estar ali, naquele momento e participar destes movimentos de mudança.

## 5. CONCLUSÃO

Por fim, no decorrer desta pesquisa vimos que a cultura é um fenômeno que envolve uma gama tão grande de significados que possui um elevado nível de densidade e complexidade simbólica. É cheia de poéticas e mensagens capazes de encantar a vida e o mundo. E isso fez com que voltássemos nosso espírito para esta dimensão e função da cultura há muito já esquecida ou ocultada: aquela em que ao criar além do palpável criamos a nós mesmo numa conexão com o imensurável. Assim adentramos cada vez mais na busca do seu significado e de sua natureza mais profunda. Aspectos estes que nos levaram ao seguinte entendimento de cultura: É a mais profunda sabedoria de um povo, aquela que independente da forma como é manifestada, permite o conhecimento de nós mesmos, enriquecendo nosso espírito com humanidade e conseqüentemente dando significado à nossa existência. Portanto, cultura nos conduz à sabedoria, sensibilidade, reflexão, alegria, emoção, criticidade e reinvenção do próprio mundo.

## REFERÊNCIAS

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. Tradução de ZURAWISK, Maria Paula; GUINSBURG, J.; COELHO, Sérgio; GARCIA, Clóvis, 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. **Gêneses**. Tradução de ALMEIDA, João Ferreira de, 2ª ed. São Paulo: Editora Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

CAMPBELL, Joseph. Entrevistas de MOYERS, Bill. FLOWERS, Betty Sue (Org.). **O poder do mito**. Tradução de MOISÉS, Felipe Carlos, 13ª ed. São Paulo: Palas Athena, 1995.

CAMPOY, T. J. A. **Metodología de la Investigación científica: Manual para Elaboración de Tesis y Trabajos de Investigación**. Assunción, Paraguay: Ed. Marben, 2016.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia**. 15ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2000.

ÉSQUILO. **Prometeu Acorrentado**. Tradução de GUZIK, Alberto, São Paulo: Abril Cultural, 1980.

FARIA, Hamilton; GARCIA, Pedro. **Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário**. 2ª ed. São Paulo: Instituto Pólis, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JATOBÁ, Maria do Socorro da Silva. **A Memória da Criação do Mundo: A Palavra Mítica como Técnica Mneumônica**. 1ª ed. Manaus: Editora Valer, 2001.

KRENAK, Ailton. **Antes, o mundo não existia**. NOVAES, Adauto (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1992 – (Coleção Tempo e história).

LANA, Firmiano; LANA, Luiz. **Antes o Mundo Não Existia**. 1ª ed. São Paulo: Livraria Cultura, 1980.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Naves. **Antropologia: uma introdução**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MOREIRA, Ismael Pedrosa. **Contos e lendas mitológicas do povo Tariano**. 1ª ed. Manaus: Editora Valer, 2001.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à Sociologia**. 24ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006 - (Coleção primeiros passos, vol.110).

#### **FONTES ELETRÔNICAS ON-LINE**

BOSI, Alfredo. 2008. **a origem da palavra cultura**. Site: Pandu Giha, 1 f. Artigo Disponível em: <http://pandugiha.wordpress.com/2008/11/24/alfredo-bosi-a-origem-da-palavra-cultura/>  
Acesso em: 02/04/2012 – 13:44 h.

#### **FILMES**

O MÁGICO de OZ. Direção: Victor Fleming, Richard Thorpe, King Vidor. Produção: Mervyn LeRoy. Intérpretes: Judy Garland, Frank Morgan, Margaret Hamilton e outros. EUA: Metro Goldwyn Mayer. 1939. 1 DVD (101min.) cinemascope, color., legendado.